

Religião

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Religião (do latim *religio*, *-onis*) é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais^[nota 1] Muitas religiões têm narrativas, símbolos, tradições e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida ou explicar a sua origem e do universo. As religiões tendem a derivar a moralidade, a ética, as leis religiosas ou um estilo de vida preferido de suas ideias sobre ocosmos e a natureza humana

A palavra religião é muitas vezes usada como sinônimo de *fé* ou *sistema de crença*, mas a religião difere da *crença* privada na medida em que tem um aspecto público. A maioria das religiões tem comportamentos organizados, incluindo hierarquias clericais, uma definição do que constitui a adesão ou filiação, congregações ddeigos, reuniões regulares ou serviços para fins de veneração ou adoração de uma divindade ou para a oração, lugares (naturais ou arquitetônicos) e/ou escrituras sagradas para seus praticantes. A prática de uma religião pode também incluir sermões, comemoração das atividades de um deus ou deuses, sacrifícios, festivais, festas, transe, iniciações, serviços funerários serviços matrimoniais meditação, música, arte, dança, ou outros aspectos religiosos dacultura humana.

O desenvolvimento da religião assumiu diferentes formas em diferentes culturas. Algumas religiões colocam a tônica na crença, enquanto outras enfatizam a prática. Algumas religiões focam na experiência religiosa subjetiva do indivíduo, enquanto outras consideram as atividades da comunidade religiosa como mais importantes. Algumas religiões afirmam serem *universais*, acreditando que suas leis e cosmologia são válidas ou obrigatórias para todas as pessoas, enquanto outras se destinam a serem praticadas apenas por um grupo bem definido ou localizado. Em muitos lugares, a religião tem sido associada com instituições públicas, comeducação, hospitais, família, governo e hierarquias políticas.

Alguns acadêmicos que estudam o assunto têm dividido as religiões em três categorias amplas: *religiões mundiais*, um termo que se refere à crenças transculturais e internacionais; *religiões indígenas*, que se refere a grupos religiosos menores, oriundos de uma cultura ou nação específica; e o *novo movimento religioso*, que refere-se a crenças recentemente desenvolvidas.^[1] Uma teoria acadêmica moderna sobre a religião, o *construtivismo social*, diz que a religião é um conceito moderno que sugere que toda a prática espiritual e adoração segue um modelo semelhante ao das *religiões abraâmicas* como um sistema de orientação que ajuda a interpretar a realidade e definir os seres humanos^[2] e, assim, a religião, como um conceito, tem sido aplicado de forma inadequada para culturas não-ocidentais que não são baseadas em tais sistemas ou em que estes sistemas são uma construção substancialmente mais comum.



Símbolos que representam diferentes religiões do mundo, da esquerda para a direita:

Linha 1: cristianismo, judaísmo, hinduísmo

Linha 2: islamismo, budismo, xintoísmo

Linha 3: siquismo, bahai, jainismo

Índice

Etimologia

Conceitos

Definição

Movimentos religiosos

Mundo contemporâneo

Mídia

Características

O estudo da religião

História do estudo da religião

Abordagens disciplinares

Filosofia da Religião

Ver também

Notas

Referências

Bibliografia

Ligações externas

Etimologia

Historicamente foram propostas várias etimologias para a origem de *religio*. Cícero, na sua obra *De natura deorum*, (45 a.C.) afirma que o termo se refere a *relegere*, reler, sendo característico das pessoas religiosas prestarem muita atenção a tudo o que se relacionava com os deuses, relendo as escrituras. Esta proposta etimológica sublinha o carácter repetitivo do fenómeno religioso, bem como o aspecto intelectual. Mais tarde, Lactâncio (século III e IV d.C.) rejeita a interpretação de Cícero e afirma que o termo vem de *religare*, 'religar', argumentando que a religião é um laço de piedade que serve para religar os seres humanos a Deus. No livro "A Cidade de Deus" Agostinho de Hipona (século IV d.C.) afirma que *religio* deriva de *religere*, "reeleger". Através da religião a humanidade reelegia de novo a Deus, do qual se tinha separado. Mais tarde, na obra *De vera religione*, Agostinho retoma a interpretação de Lactâncio, que via em *religio* uma relação com "religar"^{[3][4]}

Macróbio (século V d.C.) considera que *religio* deriva de *relinquere*, 'deixar para trás'^[5]

Segundo outras fontes, a raiz da palavra *religião* tem ligações com o *-lig-*, de 'diligente' ou 'inteligente', ou com *le-*, *lec-*, *-lei*, *-leg-* de "ler", "lecionar", "eleitor" e "eleger" respectivamente. *ore-* inicial é um prefixo que vem de red(i) "vir", "voltar" como em "reditivo" ou "reliquiá"^[6]

A palavra "religião" foi usada durante séculos no contexto cultural da Europa, marcado pela presença do cristianismo que se apropriou do termo latino *religio*. Em outras civilizações não existe uma palavra equivalente. O hinduísmo antigo utilizava a palavra *rita* que apontava para a ordem cósmica do mundo, com a qual todos os seres deveriam estar harmonizados e que também se referia à correcta execução dos ritos pelos brâmanes. Mais tarde, o termo foi substituído por *dharma*, termo que atualmente é também usado pelo budismo e que exprime a ideia de uma lei divina e eterna. *Rita* relaciona-se também com a primeira manifestação humana de um sentimento religioso, a qual surgiu nos períodos Paleolítico e Neolítico, e que se expressava por um vínculo com a Terra e com a Natureza, os ciclos e a fertilidade. Nesse sentido, a adoração à Deusa mãe, à *Mãe Terra* ou *Mãe Cósmica* estabeleceu-se como a primeira religião humana. Em torno desse sentimento formaram-se sociedades matriarcais centradas na figura feminina e suas manifestações.^[7] Ainda entre os hindus destaca-se a deusa Kali ou *A negra* como símbolo desta *Mãe cósmica*. Cada uma das civilizações antigas representaria a *Deusa*, com denominações variadas: Têmis (Gregos), Nu Kua (China) e Tiamat (Babilônia). Segundo o mitologista Joseph Campbell a mudança de uma ideia original da *Deusa mãe* identificada com a Natureza para um conceito de *Deus* deve-se aos hebreus e à organização patriarcal desta sociedade. O patriarcalismo formou-se a partir de dois eventos fundamentais: a atividade belicosa de pastoreio de gado bovino e caprino^[8] e às constantes perseguições religiosas que desencadeavam o nomadismo e a perda de identidade territorial.^[9] Herdado da cultura hebraica, patriarcalismo é uma palavra derivada do grego *pater*, e se refere a um território ou jurisdição governado por um patriarca; de onde a palavra *pátria*. Pátria relaciona-se ao conceito de país, do italiano *paese*, por sua vez originário do latim *pagus*, aldeia, donde também vem *pagão*. País, pátria, patriarcalismo e pagão tem a mesma raiz.

Independente da origem, o termo é adotado para designar qualquer conjunto de crenças e valores que compõem a fé de determinada pessoa ou conjunto de pessoas. Cada religião inspira certas normas e motiva certas práticas.

Conceitos

Existem termos que são ditos/escritos frequentemente no discurso religioso grego, romano, judeu e cristão. Entre eles estão: *sacro* e seus derivados (sacrar, sagrar, sacralizar, sacramentar, execrar), profano (profanar) e deus(es).^[10] O conceito desses termos varia bastante conforme a época e a religião de quem os emprega. Contudo, é possível ressaltar um mínimo comum à grande parte dos conceitos atribuídos aos termos.^[11]

Os religiosos gregos e romanos criam na existência de vários deuses; os judeus, muçulmanos e cristãos acreditam que há apenas uma divindade, um ser impossível de ser sentido pelos sensores humanos e que é capaz de provocar acontecimentos improváveis/impossíveis que podem favorecer ou prejudicar os homens.^[11] Para grande parte das religiões,^[10] as coisas e as ações se dividem entre sacras e profanas. Sacro é aquilo que mantém uma ligação/relação com o(s) deus(es). Frequentemente está relacionado ao conceito de moralidade.^[10] Profano é aquilo que não mantém nenhuma ligação com o(s) deus(es). Da mesma forma, para grande parte das religiões a imoralidade e o profano são correspondentes. Já o verbo "profanar" (tornar algo profano) é sempre tido como uma ação má pelos religiosos.^[11]

Definição

Dentro do que se define como *religião* podem-se encontrar muitas crenças e filosofias diferentes. As diversas religiões do mundo são de facto muito diferentes entre si. Porém ainda assim é possível estabelecer uma característica em comum entre todas elas. É facto que toda religião possui um sistema de crenças no sobrenatural, geralmente envolvendo divindades, deuses e demónios.^[12] As religiões costumam também possuir relatos sobre a origem do Universo, da Terra e do Homem, e o que acontece após a morte. A maior parte crê na vida após a morte.^[12]

A religião não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social. Exemplos de doutrinas que exigem não só uma fé individual, mas também adesão a um certo grupo social, são as doutrinas dágreja Católica, do judáismo, dos amish.

A ideia de "religião", com muita frequência, contempla a existência de seres superiores que teriam influência ou poder de determinação no destino humano. Esses seres são principalmente deuses, que ficam no topo de um sistema que pode incluir várias categorias: anjos, demônios, elementais, semideuses etc.

Outras definições mais amplas de religião dispensam a ideia de divindades e focalizam os papéis de desenvolvimento de valores morais, códigos de conduta e senso cooperativo em uma comunidade.^[12]

Ateísmo é a ausência de crença em qualquer tipo de deus, muitas vezes se contrapondo às religiões teístas. Agnosticismo é a postura filosófica que afirma ser impossível saber racionalmente sobre a existência ou inexistência de deuses e sobre a veracidade de qualquer religião teísta, por falta de provas favoráveis ou contrárias.^[10] Deísmo é a crença na existência de um Deus criador, mas questiona a ideia de revelação divina.

Algumas religiões não consideram deidades, e podem ser consideradas como ateístas (apesar do ateísmo não ser uma religião, ele pode ser uma *característica* de uma religião). É o caso do budismo, do confucionismo e do taoísmo. Recentemente surgiram movimentos especificamente voltados para uma prática religiosa (ou similar) da parte de deístas, agnósticos e ateus - como exemplo podem ser citados o Humanismo Laico e o Unitário-Universalismo. Outros criaram sistemas filosóficos alternativos como August Comte, fundador da Religião da Humanidade

As religiões que afirmam a existência de deuses podem ser classificadas em dois tipos: monoteísta ou politeísta. As religiões monoteístas (monoteísmo) admitem somente a existência de um único deus, um ser supremo. As religiões politeístas (politeísmo) admitem a existência de mais de um deus.

Atualmente, as religiões monoteístas são dominantes no mundo: judáismo, cristianismo e islamismo, juntos, agregam mais da metade dos seres humanos e quase a totalidade do mundo ocidental. Além destas, o zoroastrismo, a fé bahá'í, o espiritismo e bnei noah são religiões monoteístas.

Movimentos religiosos

Esta classificação procura agrupar as religiões com base em critérios geográficos, como a concentração numa determinada região ou o facto de certas religiões terem nascido na mesma região do mundo. As categorias mais empregues são as seguintes:

- Religiões abraâmicas judáismo, cristianismo, islamismo, fé bahá'í;
- Religiões da Ásia Oriental confucionismo, taoísmo, budismo mahayana e xintoísmo;
- Religiões da Índia hinduísmo, jainismo, budismo e siquismo;
- Religiões africanas religiões dos povos tribais da África Negra;
- Religiões da Oceania: religiões dos povos das ilhas do Pacífico, da Austrália e da Nova Zelândia;
- Religiões da Antiga Grécia e Roma.
- zoroastrismo



Religiões predominantes no mundo.

Esta classificação não se refere à forma como tais religiões estão distribuídas hoje pela Terra, mas às regiões onde elas surgiram. Fundamenta-se no fato de que as religiões nascidas em regiões próximas mantêm também proximidades em relação aos seus credos, por exemplo: as religiões nascidas no Oriente Médio em geral são monoteístas e submetem seus crédulos a forte regime de proibições e obrigações, sempre se utilizando de ameaças pós-morte como a do inferno cristão. Já as religiões nascidas no Oriente Distante são politeístas ou espiritualistas (não pregam a existência de nenhum deus, mas acreditam em forças espirituais) e são mais flexíveis quanto suas normas morais.

A distribuição atual das religiões não corresponde às suas origens, já que algumas perderam força em suas regiões nativas e ganharam participação em outras partes do planeta, um exemplo básico é o cristianismo, que é minoritário no Oriente Médio (onde surgiu) e majoritário em todo o Ocidente e na Oceania (para onde migrou).

Mundo contemporâneo

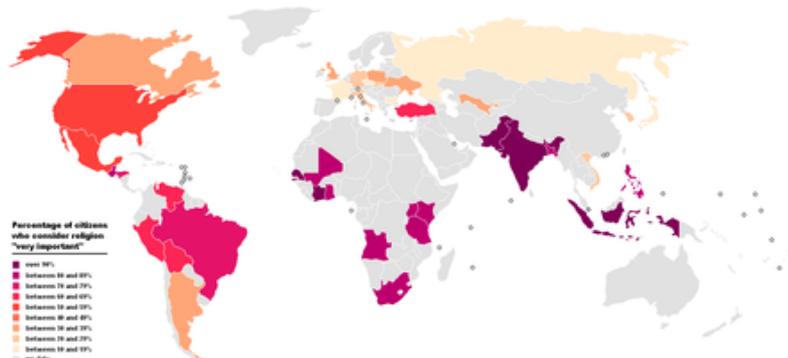
Desde os finais do século XIX, e em particular desde a segunda metade do século XX, o papel da religião, bem como seu número de aderentes, tem se alterado profundamente.

Alguns países cuja tradição religiosa esteve historicamente ligada ao cristianismo, em concreto os países da Europa, experimentaram um significativo declínio da religião. Este declínio manifestou-se na diminuição do número de pessoas que frequenta serviços religiosos ou do número de pessoas que desejam abraçar uma vida monástica ou ligada ao sacerdócio.

Em contraste, nos Estados Unidos, na América Latina e na África subsariana, o cristianismo cresce significativamente; para alguns estudiosos estes locais serão num futuro próximo os novos centros desta religião. O islão é actualmente a religião que mais cresce em número de adeptos, que não se circunscrevem ao mundo

árabe, mas também ao sudeste asiático, e a comunidades na Europa e no continente americano. O hinduísmo, o budismo e o xintoísmo têm a sua grande área de influência no Extremo Oriente, embora as duas primeiras tradições influenciem cada vez mais a espiritualidade dos habitantes do mundo ocidental. A Índia, onde cerca de 80 por cento da população é hindu, é um dos países mais religiosos do mundo, ficando em segundo lugar, após os Estados Unidos. As explicações para o crescimento das religiões nestas regiões incluem a desilusão com as grandes ideologias do século XIX e XX, como o nacionalismo e o socialismo. O protestantismo, que vem crescendo nos países da América Latina, iniciou-se com Martinho Lutero, na reforma protestante do século XVI.

Por outro lado, o mundo ocidental é marcado por práticas religiosas sincréticas, ligadas a uma "religião individual" de cada um faz para si e ao surgimento dos chamados "novos movimentos religiosos". Embora nem todos esses movimentos sejam assim tão recentes, o termo é usado para se referir a movimentos neocristãos (Movimento de Jesus), judaico-cristãos (Judeus por Jesus), movimentos de inspiração oriental (Movimento Hare Krishna) e a grupos que apelam ao desenvolvimento do potencial humano através por exemplo de técnicas de meditação (Meditação Transcendental). Também presente na Europa e nos Estados Unidos da América é aquilo que os investigadores designam como uma "nebulosa místico-esotérica", que apela a práticas como o xamanismo, o tarot, a astrologia, os mistérios e cuja actividades giram em torno da organização de conferências, estágios, revistas e livros. Algumas das características desta nebulosa místico-esotérica são as centralidades do indivíduo que deve percorrer um caminho pessoal de aperfeiçoamento através da utilização de práticas como o ioga, a meditação, a ideia de que todas as religiões podem convergir, o desejo de paz mundial e do surgimento de uma nova era marcada por um nível superior de consciência.



Percentagem de cidadãos por país que consideram a religião "muito importante"

Quatro maiores religiões	Seguidores ^[carece de fontes?]	% da população mundial	Artigo
População mundial	6,8 bilhões ^{[13][14]}	<i>Dados extraídos de artigos individuais:</i>	
<u>Cristianismo</u>	1,9 bilhão – 2,1 bilhões ^[15]	29% – 32%	<u>Cristianismo por país</u>
<u>Islã</u>	1,3 bilhão – 1,57 bilhão ^{[15][16]}	19% – 21%	<u>Islão por país</u>
<u>Budismo</u>	500 milhões – 1,5 bilhão ^{[17][18]}	7% – 21%	<u>Budismo por país</u>
<u>Hinduísmo</u>	950 milhões – 1 bilhão	14% – 20%	<u>Hinduísmo por país</u>
Total	4,65 bilhões – 6,17 bilhões	68,38% – 90,73%	

Mídia

Em 23 de dezembro de 1999 em seu número especial por ocasião da mudança do milênio, a revista The Economist publicou uma nota necrológica de Deus,^[19] e afirmou mais tarde ter agido precipitadamente. Num longo noticiário de 3 de novembro de 2007, reconhece que apesar do prognóstico laicista ou secularista, a fé sobrevive. O noticiário concluiu que para um político ou estadista seria um erro muito perigoso ignorar ou legar a um segundo plano a religião.^[20] A temática em torno de religião e sobre Deus também tomou conta do debate político na África em 2010 e ganhou espaço na campanha eleitoral, candidatos são obrigados a responder perguntas sobre religião e se veem compelidos a participar de cultos.^[21]

Características

Embora cada religião apresente elementos próprios, é também possível estabelecer uma série de elementos comuns às várias religiões e que podem permitir uma melhor compreensão do fenómeno religioso.

As religiões possuem grandes narrativas, que explicam o começo do mundo ou que legitimam a sua existência. O exemplo mais conhecido é talvez a narrativa do Génesis na tradição judaica e cristã. Quanto à legitimação da existência e da validade de um sistema religioso, este costuma apelar a uma revelação ou à obtenção de uma sabedoria por parte de um fundador, como sucede no budismo, onde o Buda alcançou a iluminação enquanto meditava

debaixo de uma figueira ou no Islão, em que Muhammad recebeu a revelação do Corão de Deus.

As religiões tendem igualmente a sacralizar determinados locais. Os motivos para essa sacralização são variados, podendo estar relacionados com determinado evento na história da religião (por exemplo, a importância do Muro das Lamentações no judaísmo ou da Igreja do Santo Sepulcro no cristianismo) ou porque a esses locais são associados acontecimentos miraculosos (santuários católicos de Fátima ou de Lourdes) ou porque são marco de eventos religiosos relacionados à mitologia da própria religião (monumentos megalíticos, como Stonehenge, no caso das religiões pagãs). Na antiga religião grega, os templos não eram locais para a prática religiosa, mas sim locais onde se acreditava que habitava a divindade, sendo, por isso, sagrados.

As religiões estabelecem que certos períodos temporais são especiais e dedicados a uma interação com o divino. Esses períodos podem ser anuais, mensais, semanais ou podem mesmo se desenrolar ao longo de um dia. Algumas religiões consideram que certos dias da semana são sagrados (Shabat para os judeus, sábado para os adventistas e alguns batistas do sétimo dia, ou o domingo para a maioria das outras religiões ligadas ao cristianismo), outras marcam esses dias sagrados de acordo com fenômenos da natureza, como as fases da lua, na religião Wicca, em que todo primeiro dia de lua cheia (esbat) é considerado sagrado. As religiões propõem festas ou períodos de jejum e meditação que se desenvolvem ao longo do ano.

O estudo da religião

História do estudo da religião

As primeiras reflexões sobre a religião foram feitas pelos antigos Gregos e Romanos. Xenofonte relativizou o fenômeno religioso, argumentando que cada cultura criava deuses à sua semelhança. O historiador grego Heródoto descreveu nas suas Histórias as várias práticas religiosas dos povos que encontrou durante as viagens que efetuou. Confrontado com as diferenças existentes entre a religião grega e a religião dos outros povos, tentou identificar alguns deuses das culturas estrangeiras com os deuses gregos. O sofista Protágoras declarou desconhecer se os deuses existiam ou não, posição que teve como consequências a sua expulsão de Atenas e o queimar de toda a sua obra. Crítias defendeu que a religião servia para disciplinar os seres humanos e fazer com que estes aderissem aos ideais da virtude e da justiça. Júlio César e o historiador Tácito descreveram nas suas obras as práticas religiosas dos povos que encontraram durante as suas conquistas militares.

Nos primeiros séculos da era atual, os autores cristãos produziram reflexões em torno da religião fruto dos ataques que experimentaram por parte dos autores pagãos. Estes criticavam o facto desta religião ser recente quando comparada com a antiguidade dos cultos pagãos. Como resposta a esta alegação, Eusébio de Cesareia e Agostinho de Hipona mostraram que o cristianismo se inseria na tradição das escrituras hebraicas, que relatavam a origem do mundo. Para os primeiros autores cristãos, a humanidade era de início monoteísta, mas tinha sido corrompida pelos cultos politeístas que identificavam como obra de Satanás.

Durante a Idade Média, os pensadores do mundo muçulmano revelaram um conhecimento mais profundo das religiões que os autores cristãos. Na Europa, as viagens de Marco Polo permitiram conhecer alguns aspectos das religiões da Ásia, porém a visão sobre as outras religiões era limitada: o judaísmo era condenado pelo facto dos judeus terem rejeitado Jesus como messias e o islão era visto como uma heresia.

O Renascimento foi um movimento cultural e artístico que procurava reviver os moldes da Antiguidade. Assim sendo, os antigos deuses dos gregos e dos romanos deixaram de ser vistos pela elite intelectual e artística como demónios, sendo representados e estudados pelos artistas que os representavam. Nicolau de Cusa realizou um estudo comparado entre o cristianismo e o islão em obras como *De pace fidei* e *Cribatio Alcorani*. Em Marsílio Ficino encontra-se um interesse em estudar as fontes das diferentes religiões; este autor via também uma continuidade no pensamento religioso. Giovanni Pico della Mirandola interessou-se pela tradição mística do judaísmo, a Cabala.

As descobertas e a expansão europeia pelos continentes, tiveram como consequência a exposição dos europeus a culturas e religiões que eram muito diferentes das suas. Os missionários cristãos realizaram descrições das várias religiões, entre as quais se encontram as de Roberto de Nobili e Matteo Ricci, jesuítas que conheceram bem as culturas da Índia e da China, onde viveram durante anos.

Em 1724, Joseph François Lafitau um padre jesuíta, publicou a obra *Moeurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps*, na qual comparava as religiões dos índios, a religião da Antiguidade Clássica e o catolicismo, tendo chegado à conclusão de que estas religiões derivavam de uma religião primordial.

Nos finais do século XVIII e no início do século XIX parte importante dos textos sagrados das religiões tinham já sido traduzidos nas principais línguas europeias. No século XIX ocorre também a estruturação da antropologia como ciência, tendo vários antropólogos se dedicado ao estudo das religiões dos povos tribais. Nesta época os investigadores refletiram sobre as origens da religião, tendo alguns defendido um esquema evolutivo, no qual o



Vênus de Willendorf do Paleolítico

animismo era a forma religiosa primordial, que depois evoluía para politeísmo e mais tarde para monoteísmo.

Abordagens disciplinares

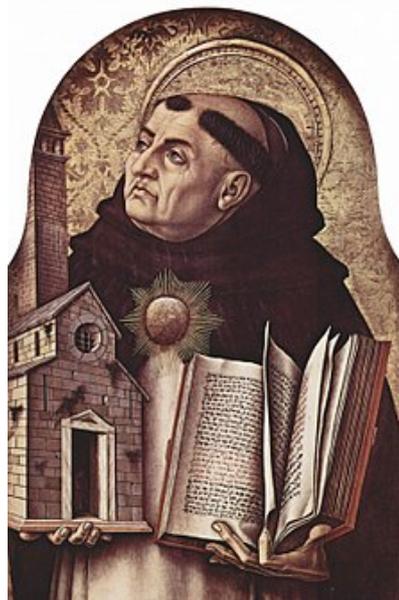
O estudo científico da religião é, atualmente, realizado por várias disciplinas das ciências sociais e humanas. A história das religiões, nascida na segunda metade do século XIX, estuda a religião recorrendo aos métodos da investigação histórica. Ela estuda o contexto cultural e político em que determinada tradição religiosa emergiu.

A sociologia da religião analisa as religiões como fenómenos sociais, procurando desvendar a influência dela na vida do indivíduo e da comunidade. A Sociologia da Religião tem como principais nomes Emile Durkheim, Karl Marx, Ernst Troeltsch, Max Weber e Peter Berger.

A antropologia, tradicionalmente centrada no estudo dos povos sem escrita (embora os seus campos de estudo possam ser também as modernas sociedades capitalistas), desenvolveu igualmente uma área de estudo da religião, na qual se especulou sobre as origens e funções da religião. John Lubbock, no livro *The Origin of Civilization and the Primitive Condition of Man* apresentou um esquema evolutivo da religião: do ateísmo (entendido como ausência de ideias religiosas), passa-se para o xamanismo, o antropomorfismo, o monoteísmo e finalmente para o monoteísmo ético. Esta visão evolucionista foi colocada em questão por outros investigadores, como E.B. aylor que considerava o animismo como a primitiva forma de religião.

A fenomenologia da religião, que deriva da filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, tenta captar o lado único da experiência religiosa. Utiliza como principal método científico a observação, explicando os mitos, os símbolos e os rituais. Ela procura compreender a religião do ponto de vista do crente, bem como o valor dessas crenças na vida do mesmo. Por estas razões evita os juízos de valores (conceito de *epoje* ou abandono de qualquer juízo de valor). Os principais nomes ligados à Fenomenologia da Religião são Nathan Soderblom, Garardus van der Leeuw, Rudolf Otto, Friedrich Heiler e Mircea Eliade.

Filosofia da Religião



Tomás de Aquino

A filosofia da religião como uma disciplina distinta é uma inovação dos últimos 200 anos, mas seus temas centrais como a existência e a natureza do divino, a humanidade da relação do homem para com ele, a natureza da religião, e o lugar da religião na vida humana, tem estado com o ser humano desde o início da filosofia. Os filósofos têm examinado tempo a verdade e a justificação racional para as alegações, e têm explorado tais fenômenos filosoficamente interessantes como a fé, a experiência religiosa, e os traços distintivos do discurso religioso. A segunda metade do século XX foi um período especialmente frutífero, com os filósofos que utilizam novos desenvolvimentos em lógica e da epistemologia para montar as duas defesas sofisticadas, e ou os ataques às afirmações religiosas.^[22]

A expressão "filosofia da religião" não entrou em uso geral até o século XIX, quando foi empregada para se referir à articulação e crítica da consciência religiosa da humanidade e suas expressões culturais em pensamento, linguagem, sentindo, e prática. Historicamente, a reflexão filosófica sobre temas religiosos teve dois focos: atitudes, sentimentos e práticas que se acreditava em primeiro lugar, Deus ou Brahma ou Nirvana ou qualquer outra coisa que seria o objeto do pensamento religioso, e, em segundo lugar, o tema religioso humano, isto é, os pensamentos, atitudes, sentimentos e a prática. O primeiro tipo de reflexão filosófica tem uma longa história. No Ocidente, por exemplo, as discussões da natureza de Deus (se ele é imutável, digamos, ou conhece o futuro, se a sua existência pode ser racionalmente demonstrada, e afins) são incorporadas em tratados teológicos tais como *Proslogion de Anselmo e Monologion, Summas de Tomás de Aquino, o Guia de Maimônides*, e *Incoerência dos Filósofos de al-Ghazali*. Também fazem parte de sistemas metafísicos influentes

como Platão, René Descartes e Leibniz.

Ver também

- Agnosticismo
- Ateísmo
- Ciência da religião
- Crítica da religião
- Educação religiosa
- Estado Laico
- Existência de Deus
- Igreja
- Impacto do cristianismo na civilização
- Irreligião
- Lista de religiões e tradições espirituais
- Metafísica
- Mitologia
- Principais grupos religiosos
- Relação entre religião e ciência
- Religião em Portugal
- Religião no Brasil
- Templo

Notas

1. Embora a religião seja difícil de definir um modelo padrão de religião, usado em cursos de estudos religiosos foi proposto por Clifford Geertz, que simplesmente a considerara um "sistema cultural" (Clifford Geertz, "Religião como Sistema Cultural" 1973). A crítica do modelo de Geertz por Talal Asad categorizou a religião como "uma categoria antropológica" (Talal Asad, A Construção da Religião como uma categoria antropológica, 1982.)

Referências

1. Harvey, Graham (1 de novembro de 2000) *Indigenous Religions: A Companion* (https://books.google.com.br/books?id=V_3xpSutyboC&printsec=frontcover&dq=Indigenous+Religion:s:+A+Companion.&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjln9q77_rTAhWJGpAKHfqWB88Q6AEIlzAA) (em inglês). [S.l.]: Bloomsbury Publishing. ISBN 9780826426567
2. Vergote, Antoine (1997). *Religion, Belief and Unbelief: A Psychological Study* (https://books.google.com.br/books?id=sRO34nfz04QC&printsec=frontcover&dq=Religion,+belief+and+unbelief:+a+psychological+study&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwifkzK7_rTAhXGC5AKHZqbAogQ6AEIlzAA#v=onepage&q=Religion,%20belief%20and%20unbelief:%20a%20psychologica%20study&f=false) (em inglês). [S.l.]: Leuven University Press. ISBN 9789061867517
3. «religion etymology» (<http://www.etymonline.com/index.php?term=religion>) (em inglês). *Online Etymology Dictionary*
4. «Etimologia: religione:» (<http://www.etimo.it/?term=religione&find=Cerca>). *www.etimo.it* (em italiano). Consultado em 19 de maio de 2017.
5. Battles, Ford Lewis; Battles, Lucius Annaeus Seneca, Ford Lewis (1969). *Calvin's commentary on Seneca's De clementia / with introd., transl., and notes* (https://books.google.com.br/books?id=1swUAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) (em inglês). [S.l.]: Brill Archive
6. «Dictionnaire Etymologique De La Langue Latine, Ernout - Meillet» (<https://archive.org/stream/DictionnaireEtymologiqueDeLaLangueLatine/Dictionnaire%20etymologique%20de%20la%20langue%20latine#page/n291/mode/2up>) *archive.org*. Consultado em 19 de maio de 2017.
7. Oliveira, Rosalira (dezembro de 2005). «Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais.» (http://web.archive.org/web/20110728031556/http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/arquivos/artigos/artigo_02.pdf) (PDF). *Revista Ártemis*. Consultado em 18 de maio de 2017.
8. «Tu és Isso: A Religião como Metáfora» (<http://archive.is/aCIP>) *Cultura Brasileira* 24 de agosto de 2006
9. Nunes, Cesar Aparecido (2003). *Desvendando a Sexualidade* (http://books.google.com.br/books?id=PGocizBPj0EC&pg=PA63&lpg=PA63&q=hebreus+origens+do+patriacalismo&source=bl&ots=HIFBclvN_2&sig=sp2txiRqk-iyZIBhbR82T9msLF0&hl=pt-BR&ei=c4jTSYfXKJmEtgOBmrjxCw&sa=X&oi=book_result&resnum=6&ct=result#PFA64,M1). [S.l.]: Papirus Editora. ISBN 9788530804893
10. Ana Lucia Santana (8 de março de 2009). «Filosofia da Religião» (<http://www.infoescola.com/filosofia/filosofia-da-religiao/>). InfoEscola. Consultado em 6 de agosto de 2012.
11. «Conceito de Religião» (<http://conceito.de/religiao>) *Conceito.de*. Consultado em 6 de setembro de 2012.
12. «O que é religião» (<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/o-que-e-religiao.html>) Grupo Escolar 25 de junho de 2008 Consultado em 6 de setembro de 2012.
13. «Population of the world, major development groups and major areas 1950, 1975, 2009 and 2050» (http://www.un.org/esa/population/publications/wpp2008/wpp2008_text_tables.pdf) (PDF). ONU. 2009. Consultado em 19 de maio de 2017.
14. «The World Factbook» (<https://www.cia.gov/library/publication/the-world-factbook/geos/xx.html>) *www.cia.gov* (em inglês). Central Intelligence Agency Consultado em 19 de maio de 2017.
15. «Major Religions Ranked by Size» (http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html#Christianity) *www.adherents.com*. Consultado em 19 de maio de 2017.
16. «Mapping the Global Muslim Population» (<http://www.pewforum.org/2009/10/07/mapping-the-global-muslim-population/>) Pew Research Center's Religion & Public Life Project. 7 de outubro de 2009. Consultado em 19 de maio de 2017.
17. Giang, Nguyễn (23 de março de 2008). «Uma perspectiva global do Tibet» (http://www.bbc.com/vietnamese/forum/story2008/03/080323_tibet_analysis.shtml) *www.bbc.com* (em vietnamita). BBC Vietnamese.com Consultado em 19 de maio de 2017.
18. «LUMBINI - The birthplace of Lord Buddha» (<https://web.archive.org/web/20040314144813/http://www.nrn.org.np/speeches/rmshakya.html>). 14 de março de 2004 Consultado em 19 de maio de 2017.
19. «After a lengthy career the Almighty recently passed into history. Or did he?» (http://www.economist.com/specialreports/displaystory.cfm?story_id=347578) *The Economist* 23 de dezembro de 1999 Consultado em 21 de novembro de 2008.
20. «In God's name» (http://www.economist.com/specialreports/displaystory.cfm?story_id=10015255) *The Economist* 1 de Novembro de 2007. Consultado em 21 de novembro de 2008.
21. «Deus domina o debate político» (<http://www.lemonde.fr/web/article/0,1-0@2-3222,36-993663,0.html>) *Le Monde*. 26 de Dezembro de 2007. Consultado em 21 de novembro de 2008.
22. J. Wainwright, William (2013). William J. Wainwright, ed. *Filosofia da Religião de Oxford* (<http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books/The%20Oxford%20Handbook%20of%20Philosophy%20of%20Religion.pdf>) (PDF) (em inglês) 1 ed. [S.l.]: University of Wisconsin, Milwaukee. 1 páginas

Bibliografia

- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões* São Paulo: Paulus, 1999. ISBN 85-349-1460-5
- DELUMEAU, Jean (dir). *As Grandes Religiões do Mundo* Lisboa: Editorial Presença, 1997. ISBN 972-23-2241-9
- MARQUES, Leonado A. *História das Religiões e a Dialética do Sagrado* Madras, 2005. ISBN 85-7374-952-0

Ligações externas

- Possíveis definições de religião propostas pelos estudiosos (em inglês)
- Fatos de religião do mundo (em inglês)
- As dificuldades da definição de religião no direito internacional (em inglês)

- [A definição de religião segundo Austin Cline\(em inglês\)](#)
- [Para uma definição antropológica de religiãø\(em inglês\)](#)
- [Mais discussão sobre o assunto\(em inglês\)](#)
- [Religião, orientação de vida e propósito\(em inglês\)](#)
- [Textos sagrados de diversas religiões\(em inglês\)](#)

Obtida de "<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Religião&oldid=52087720>

Esta página foi editada pela última vez às 14h59min de 15 de maio de 2018.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença [Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada \(CC BY-SA 3.0\)](#) da [Creative Commons](#); pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as [condições de utilização](#).